



CAPITAL E PREGUIÇA: COTAS E QUE TAIS

» RONALD MENDONÇA – médico e membro da AAL.

Com certo espanto, acompanhei pelo rádio uma entrevista de um sujeito identificado como arauto do Ministério da Educação, especificamente do Sisu, o “incompreendido” sistema de inscrição universitária. O entrevistado revelou comovente contentamento com o que chamou de “adesão voluntária dos estudantes brasileiros” (como se houvesse alternativas); prova inequívoca do acerto em nacionalizar o vestibular.

Nosso herói, certamente incorporando algum espírito zombeteiro, preferiu ignorar o caso de polícia em que se transformou o exame para ingresso nas universidades federais. Caos, aliás, que tem o seu coroamento na hora da inscrição, o aludido Sisu. Por fim, responsabiliza a internet como a causa do problema, como se sua trupe, nos comunistóides delírios centralizadores (“equidade”), não tivesse

previsto as limitações da rede.

O sujeito fala em “equidade” e elide as desigualdades regionais no Ensino Médio que fazem com que as vagas nos nossos cursos mais concorridos sejam ocupadas por alunos de outros Estados. O ápice da desordem foi a falta de preenchimento de onze vagas no curso médico! A entrevista passaria ao largo das cotas para os afrodescendentes. É a síntese do País.

País que nega a existência de apagões, eufemisticamente apelidado de “interrupções” pela meiga presidente; que tem um Edison Lobão como responsável pela coisa; que na hora H apela para o “se Deus quiser, esse país não terá apagões”. Com certeza, Deus, na sua infinita misericórdia, jamais permitirá desgraças assim.

Sobretudo, porque nossos gestores são escolhidos por Ele. Imaginem, por exemplo, se o RJ não tivesse um Sérgio Cabral

como governador. Mestre em caras e bocas, não fora Cabral esse heroico administrador atento e respeitável, é possível até que o Cristo Redentor já tivesse despenhado do pedestal. Afinal, posto virem do céu, chuvas são sempre abençoadas e bem-vindas.

País que, apesar do ufanismo governamental e das recalcitrantes negações, teve crescimento ridículo (“pibinho”), beirando a indigência, além da preocupante inflação que desafia a genialidade dos companheiros, leitores compulsivos de Marx. (Sendo o Capital um livro grosso, penso que ainda não chegaram nesse capítulo...)

No fundo, não restam dúvidas: a culpa pelo pibinho mixuruca e pela galopante inflação é da mídia hegemônica, machista, reacionária, rancorosa e golpista que não se conforma em ter uma operosa gerentona na presidência.